



C A P Í T U L O 7

ESCRITA EPISTOLAR

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

(UFRJ)

marianaepss@gmail.com

APRESENTAÇÃO

O verbete tem por objetivo discutir a escrita epistolar, isto é, aquela que se desenvolve através de cartas. Apesar de compartilharem teor semântico, Nagel (1989, p. 60 *apud* Horta; Dias; Cordeiro, 2018, p. 2) estabelece alguns parâmetros no que concerne à diferença entre carta e correspondência. A carta, por um lado, apresentaria duas facetas, a de mensagem escrita endereçada a uma pessoa pública ou privada em envelope por via postal; e a de credencial conferindo poderes ou concedendo determinados privilégios. Correspondência, por outro, consistiria em toda forma de comunicação escrita, expedida (ativa) ou recebida (passiva) por pessoas físicas ou jurídicas, sob várias formas (ofício, circular, memorando, telegrama, cartas, cartões-postais, bilhetes, notas, telegramas e outros), podendo ser oficial ou particular, ostensiva ou sigilosa.

Assim, estabelece-se que a correspondência apresenta teor mais ampliado em relação às cartas, sendo sempre referenciada no singular, pois representa um ato. As cartas são uma forma de correspondência, mas essa é constituída de diferentes unidades, como cartões-postais, bilhetes e trocas entre editores e leitores de jornais e revistas, por exemplo.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A correspondência por meio de cartas é, sem dúvidas, prática social de longa duração, muito embora hoje em dia tenha sua feitura sido reduzida. Ainda que os primeiros vestígios de escrita datem do século IV a.C., na Mesopotâmia, e que os primeiros registros da escrita epistolar venham desde a Antiguidade, foi no século

XVIII que essa prática tomou mais forma e se tornou mais recorrente, principalmente “como consequência do processo maciço de alfabetização” (Lyons *apud* Aguiar; Vasconcelos, 2017, p. 115).

O interesse pelo estudo de cartas foi possível graças a uma guinada no campo da História que deixou de focalizar em uma narrativa tradicional e positivista, que tendia a hipervalorizar “grandes eventos e heróis” e da subdivisão da História em períodos específicos, dando lugar à História que recai no estudo de eventos singulares e de curta duração. Os historiadores passam, então, a enxergar a sociedade como um espaço constituído de sujeitos “comuns”, que se tornam relevantes no processo de estudo da História. A carta, portanto, passa a ser vista como um dispositivo que oferece pistas de cunho cultural, político, ideológico e subjetivo, por exemplo. Com o alargamento do que se considera válido como fonte histórica, uma única carta passou a ser analisada sob diversas entradas.

Destaque-se, outrossim, o fato de as cartas terem sido uma prática majoritariamente feminina, principalmente pela possibilidade de fazê-la de maneira particular, reclusa e no ambiente doméstico, ainda que não tenha sido atividade exclusiva daquele grupo. As missivas podiam servir a diferentes propósitos, quais sejam o de superar distâncias físicas, se declarar, romper, reconciliar e, até mesmo, o de treinar a escrita, em um processo formativo e educativo. Elas eram capazes de evidenciar, ainda, “confidências, segredos, bastidores, disputas e versões de acontecimentos” (Mignot; Rocha, 2022, p. 618-19), além de registrarem “ideias, sentimentos, emoções, fatos, visões de mundo, concepções e apreensões da realidade, construção de subjetividades e modos de viver” (Mignot; Rocha, 2022, p. 625).

DESENVOLVIMENTO GERAL SOBRE O TEMA

O presente verbete visa apresentar algumas considerações a respeito do gênero de escrita identificado como epistolar. De maneira geral, entende-se que a escrita epistolar tem no cerne da discussão a correspondência por meio de cartas. Ao estudar o gênero e adotar um olhar histórico acerca do objeto, é possível perceber que o estudo a esse respeito é relativamente novo no campo dos Estudos Literários, apesar de a correspondência por meio das cartas ser um mecanismo comunicativo utilizado desde a Antiguidade, seja como forma literária ou como fonte de informação para estudos de cunho biográfico (Malatian, 2012).

Malatian (2012) ressalta que a mudança de perspectiva da história foi possível quando a História tradicional e positivista, a qual valoriza os “grandes modelos explicativos” (p. 195) e subdivide a História em períodos específicos, passou a perder ênfase, dando lugar à História que recai no estudo de eventos singulares e de curta duração. Compreende-se, portanto, o espaço representativo das cartas: elas permitem

entender aspectos do sujeito cotidiano. A História passa, então, a retratar a sociedade como espaço constituído de sujeitos, os quais apresentam particularidades e que não podem ser submetidos a uma visão homogênea do todo.

A relevância do estudo de cartas se localiza nas amplas possibilidades de análise em um único elemento. Nesse sentido, temos que uma mesma carta pode ser analisada sob diversas perspectivas: a partir da escrita autobiográfica (escrita de si), a construção do personagem, a compreensão de mundo, o objetivo pelo qual se escreve a carta, o momento temporal em que se escreve a carta, dentre outras pistas culturais e subjetivas que podemos identificar ao estudar uma carta.

No que concerne à escrita de si, Gomes (2004) alerta para o fato de a pesquisa a esse respeito ter crescido exponencialmente nos últimos anos, o que inclui um tipo específico e bastante particular de escrita de si: a correspondência. A autora trata, em seu trabalho, sobre a correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade.

Gomes (2004, p. 8) argumenta que “cartas, diários íntimos e memórias, entre outros, sempre tiveram autores e leitores, mas na última década, no Brasil e no mundo, ganharam um reconhecimento e uma visibilidade bem maior, tanto no mercado editorial, quanto na academia”. A autora acrescenta, ainda, que “as iniciativas que constituem exceções provêm muito mais do campo da literatura e, recentemente, de estudos da história da educação” (Gomes, 2004, p. 8). Gomes (2004) advoga que esse tipo de análise é caro à história da educação por alguns argumentos evidentes:

Tratando-se de disciplina que se volta para o estudo de processos de aprendizagem e de ensino de leitura e escrita, práticas culturais como as da escrita de si são um prato cheio de interesse. Escrever cartas sempre foi um exercício muito presente em qualquer sala de aula, além de ser um veículo fundamental de comunicação entre a escola, as famílias e os alunos. Além do mais, grande parte do professorado há muito é composto por mulheres, que, por questões de constrangimento social, tiveram seus espaços de expressão pública vetados, restando-lhes exatamente os espaços privados, entre os quais os de uma escrita de si (Gomes, 2004, p. 9)

Desse modo, seguindo a leitura de Gomes (2004), compreende-se o espaço da história da educação e da leitura no estudo da correspondência, visto que, por meios das cartas, é possível resgatar resquícios da história – não necessariamente a história dita oficial, mas alguma história, a história das mentalidades (Darnton *apud* Galvão, 2012), ou apenas história cultural (Chartier, 2001).

Ainda sobre escritas de si, Malatian aponta que na “*escrita de si*, na primeira pessoa, o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta.” (Malatian, 2012, p. 195). Segundo a premissa da autora, infere-se que as cartas permitem perceber aspectos pessoais e culturais do sujeito, as palavras dão a ver atitudes e representações do indivíduo.

A esse respeito, Ribeiro (2009), no prefácio do livro organizado por Tin (2009), que reúne cinquenta cartas de amor de personalidades nacionais e internacionais, alega que as cartas, de modo geral, e as cartas de amor, especificamente, trazem à tona o personagem escolhido pelo emissor para representar e que as cartas só têm valor na relação protagonizada pelo emissor e pelo interlocutor. Entende-se, ainda, que independente da idade e do grau de poder exercido, todos ocupam a posição de autores, sem hierarquização de poder. Ribeiro exemplifica: “vejam quantas vezes (...) nossos autores – todos eles escritores respeitados, até o rei Henrique VIII da Inglaterra, que se consola da ausência da amada escrevendo um livro – pedem que a amada lhes escreva.” (Ribeiro, 2009, p. 10).

Na escrita epistolar identificamos, também, a construção dos personagens do sujeito, visto que a escrita possibilita tal construção, permitida por meio da seleção minuciosa das palavras, escolhas quanto à posição das frases, o assunto a ser abordado e, ainda, com direito a fazer, desfazer e refazer quantas vezes forem necessárias. Moraes (2005, p. 12) faz as seguintes considerações acerca da construção e representação:

Também em nossas cartas elegemos particularidades de nossa psicologia e acabamos definindo espécies de “máscaras”. Quando nos dirigimos àquela pessoa amada nos tornamos melosos, chamamos a pessoa de benzinho, paixão, etc. Se escrevemos a um colega, deixamos de lado toda essa “pieguice”. A nossos professores, redigimos um bilhetinho bem-arrumado, com todas as crases e pronomes no lugar certo. E assim, a cada um deles somos diferentes, mostrando faces diversas da nossa personalidade, sempre adaptando a linguagem às nossas intenções. Até a maneira de contar um fato se modifica em face dos nossos destinatários, conforme as nossas conveniências.

O ar biográfico que gira em torno da escrita epistolar nos instiga a estudar a correspondência não apenas entre intelectuais, como no trabalho exemplar de Gomes (2004), que se debruça na correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre, ou no de Ferreira (2004), que focaliza a correspondência entre João Goulart e Getúlio Vargas,, mas também entre sujeitos considerados “desconhecidos”, sujeitos cotidianos. Malatian (2012, p. 195) assinala que os escritos autobiográficos (inclusive a correspondência) “resultam de atividades solitárias de introspecção, ainda que sua autoria possa ser partilhada por secretários, assessores ou familiares”. Desse modo, entende-se que por mais que o emissor direcione sua carta a alguém de maneira bastante específica, a leitura pode ocorrer por outros sujeitos, não apenas pelo receptor (interlocutor). Assim, por mais que o autor coloque em seus escritos intencionalidades e possíveis “máscaras” para se referir a determinado interlocutor, a carta pode chegar a mãos diversas, fato que resultaria em amplas interpretações e a certa perda de privacidade.

AS REDES DE SOCIABILIDADE NO ÂMBITO EPISTOLAR

O conceito de redes de sociabilidade é importante para o presente estudo, pois permite entender que a correspondência é, decerto, uma ferramenta comunicativa e que permite, portanto, a interação entre os sujeitos. Por meio das cartas é possível aos interlocutores trocarem ideias, solidificarem contatos e estarem em voga na relação comunicativa.

Ademais, o convívio entre intelectuais, permitido pela correspondência é fundamental para o desenvolvimento e a sensibilidade dos escritores. Seja para escrever, pintar ou, ainda, compor, o intelectual precisa estar envolvido em um circuito de sociabilidade que, ao mesmo tempo, o situe no mundo cultural e lhe permita interpretar o mundo político e social de seu tempo. Por isso, afirma-se que não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contato é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural. Intelectuais são, portanto, homens cuja produção é sempre influenciada pela participação em associações, mais ou menos formais, e em uma série de outros grupos, que se salientam por práticas culturais de oralidades e/ou escrita. (Gomes, 2004).

Entende-se, pois, que a posição de intelectual é definida por amplos caminhos, dentre eles a inserção do sujeito em uma rede de contatos. Rede esta intencional e necessária. Desse modo, é possível perceber o caráter intencional atribuído à construção de rede de sociabilidade na condição de intelectual, visto que é esta que possibilita não apenas sua inserção no mundo cultural, político e/ou social, mas também permite que o sujeito solidifique sua posição e legitime seu espaço.

Pensar a troca de carta entre intelectuais é expandir horizontes para além de suas produções acadêmicas e pessoais; trata-se, outrossim, de compreender sua construção e seu espaço no mundo cultural e sua formação enquanto intelectual. Tecer redes de contato com outras personalidades daquele ambiente em comum – seja na literatura, na educação, na política, na religião ou, até mesmo, em pequenas áreas, estabelecidas no cotidiano. Estar entre intelectuais é, portanto, legitimar sua posição no mundo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse verbete buscou destacar alguns elementos que constituem o conceito de *escrita epistolar*, como forma de valorizar uma prática social que, hoje, encontra-se em declínio, mas que já foi deveras recorrente no passado, em especial entre os séculos XVIII e XX. Além disso, a inserção do verbete no âmbito de um livro derivado do *Projeto Mulheres na Imprensa*, que tenciona jogar luz em mulheres dos campos cultural, literário, periódico e editorial, em especial, se justifica pelo fato de ter sido uma prática recorrente do público feminino.

O teor educativo e formativo da correspondência por cartas é irrefutável; contudo, sua prática não se atém a isso. Como visto, o trabalho com cartas permite observar aspectos culturais, temporais, educacionais, além de disputas, desavenças, declarações de amor e segredos, o que faz com que se constitua como um tipo de pesquisa com múltiplas entradas, usos e capaz de “humanizar” ainda mais os sujeitos.

Palavras-chave: Escrita epistolar. Cartas. Correspondência. Mulheres.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Jaqueline Vieira de; VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A escrita epistolar como objeto de pesquisa: um estudo sobre as cartas das princesas brasileiras. *Indagatio Didactica*, v. 9, n. 3, p. 113-127, 13 mar. 2017.

CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “Em busca de universos mentais estranhos: uma leitura de Robert Darnton”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Pensadores sociais e a história da educação II**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escritas de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. “Escrita de si, escrita da História a: a título de prólogo”. In.: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**, p. 7-24.

FERREIRA, Jorge. “Ao mestre com carinho, ao discípulo com carisma: as cartas de Jango a Getúlio”. In.: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**, p. 279-294.

HORTA, Nicole Marinho; DIAS, Débora de Almeida; CORDEIRO, Luciana Coutinho. Cartas: um acervo de memória afetiva e histórica e a importância de sua preservação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17036>.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MIGNOT, A. C.; ROCHA, I. de A.. Escrita de si na escrita epistolar. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 7, n. 22, p. 617–625, 2022. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2022. v 7. N 22. p 617-625. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/16141>. Acesso em: 10 ago. 2024.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). **Antologia da carta no Brasil**: Me escreva tão logo possa. São Paulo: Moderna, 2005.

REZENDE, C. R. de A. Escrita Epistolar: cartografias de uma epistemologia feminista. **RELACult**: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, [S. l.], v. 5, n. 5, 2019. DOI: 10.23899/relacult. v5i5.1444. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1444>. Acesso em: 10 ago. 2024.

RIBEIRO, Renato Janine. Prefácio. *In*: TIN, Emerson (org.). **Para Sempre**: 50 cartas de amor de todos os tempos. São Paulo: Globo, 2009.

RODRIGUES, Leandro Garcia (org.). **Drummond & Alceu**. Minas Gerais: UFMG, 2015.

RODRIGUES, Leandro Garcia. **A correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Alceu Amoroso Lima**. s/d. Disponível em: <http://centrodomvital.com.br/2014/07/11/a-correspondencia-de-carlos-drummond-de-andrade-e-alceu-amoroso-lima/>. Acesso em: março de 2015.

SOUZA, Mariana Elena P. dos. S. de; SOUZA, Rosângela da Graça. A escrita epistolar e as redes de sociabilidade: alguns apontamentos. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS: MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO, 7., Rio de Janeiro, 2015. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

TIN, Emerson (org.). **Para Sempre**: 50 cartas de amor de todos os tempos. São Paulo: Globo, 2009.

SOBRE A AUTORA

Graduada em Pedagogia (UERJ) e em Letras Português/ Inglês (UFRJ). Mestre e Doutora em Educação (UERJ). Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental (CAp/UFRJ). Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL/ CNPq) e do Projeto de Extensão Mulheres na Imprensa (PROMIM). Coordenadora do Projeto de Pesquisa “Quem escreve a Educação? Manuais didáticos de autoria feminina (1940-1960)” (UFRJ).